Capítulo 7

Enviada do Caos

Sábado 13 de outubro de 2012

Depois de ouvir a ordem de Okabe Rintarou, Okabe Shizuka saiu do “May Queen Nyan Nyan” e desceu a rua. Como ela não tinha mais o microprocessador portátil que trouxera do futuro, teve que abandonar sua estratégia virtual e recorrer a métodos analógicos para encontrar o IBN 5100, como examinar visualmente as lojas de computadores e perguntar aos funcionários se eles possuíam alguma informação.

Enquanto ela caminhava e não muito longe do café, sentiu sendo levada pelas costas e arrastada contra sua vontade para um dos muitos becos existentes em Akihabara. O movimento foi tão rápido que ela não conseguiu escapar, mas mesmo sendo sequestrada, Shizuka não sentiu medo. Tampouco gritou por ajuda.

Em vez disso, ele decidiu morder o braço do sequestrador.

—Ai! O que você pensa que está fazendo?! —gritou o jovem de cabelo avermelhado e a soltando.

—Onii-chan pervertido —respondeu ela, depois de estar livre.

—Ficou doida? Não consigo imaginar uma pessoa mais repugnante que você.

Okabe Keitarou estava furioso. Não só porque sua irmã mais nova tinha mordido ele desnecessariamente e arruinado seu casaco, mas porque não esperava encontrá-la ali.

Na semana passada, e graças ao programa que ele tinha instalado, Keitarou espionou as conversas de Makise Kurisu e Okabe Rintarou. Felizmente, não tinha nenhuma "mensagem de amor", como Suzuha disse. Muito do que seus pais trocaram pelo RINE não diferiu das conversas típicas que eles gostavam de ter no futuro. Afinal, parecia que conversar os divertia: passavam longas horas conversando entre si sobre um determinado tema quando ambos estavam em casa, mesmo depois de um longo dia de trabalho. Mas além da dinâmica entre eles, o que realmente interessou Keitarou foi uma mensagem de sua mãe dizendo que ele pensara em um "dispositivo futurista" e queria queria discutir com ele a sós naquele mesmo sábado em Akihabara.

Quando finalmente chegou o fim de semana, Keitarou seguiu Kurisu desde a estação de Wako, afastando-se dela o suficiente para não reconhecê-lo, mas não tão longe para perdê-la de vista. Ambos chegaram à UPX mais de meia hora antes do horário marcado e, algum tempo depois, viram um jovem chegar de jaleco.

Keitarou pôde reconhecê-lo —ele era o mesmo de sempre, só que muitos anos mais jovem—, mas, para sua surpresa, Okabe Rintarou estava acompanhado de nada mais e nada menos que sua irmã mais nova. De sua posição, ele não conseguia ouvir do que os pais estavam falando, mas o grito perplexo de sua mãe lhe deu uma dica do que estava acontecendo:

—Sua filha???

Então ele soube que as coisas haviam dado errado. Era possível seu plano de se manter oculto tinha sido arruinado pela Shizuka, embora talvez esse fosse um resultado previsível: sua irmã mais

nova era uma espécie de infortúnio enjaulado no corpo de uma menina de 14 anos, e sempre havia a possibilidade da sua natureza se manifestar se não fosse contida adequadamente.

Keitarou foi o culpado por libertá-la naquele momento. Talvez tivesse sido uma idéia melhor deixá-la em 2036 com os avós, mas como irmão mais velho, ele se sentia responsável por seus cuidados. Ele a levou ao passado, pensando que ela seria útil e, em troca, também poderia ajudá-la a resolver seus problemas.

—Você pode me explicar o que estava fazendo ali dentro? —ele perguntou para sua irmã mais nova.— Nós não viemos aqui para ter reuniões familiares.

—Okabe Rintarou me trouxe.

—Eu sei que você veio com ele! O que eu quero dizer é como ele sabia que você… —Mas Keitarou parou de repente. Havia um detalhe fora do lugar na resposta de sua irmã que lhe chamou a atenção.— Espera, você acabou de chamá-lo de "Okabe Rintarou"?

Shizuka balançou a cabeça em confirmação.

Esse não era um detalhe trivial. Sua irmã raramente usava o nome "Okabe Rintarou", a menos que tivesse que preencher um formulário. Afinal, "Hououin Kyouma" era apenas um apelido inventado, um tipo de autodenominação que seu pai mantinha desde jovem e não seu nome verdadeiro. No entanto, para Okabe Shizuka, a distinção entre "Hououin Kyouma" e "Okabe Rintarou" era fundamental. Não era apenas um pseudônimo, mas sua verdadeira identidade: o primeiro era seu verdadeiro pai, já o segundo era apenas uma espécie de impostor temporário. Esse fato era importante para ela, tanto quanto ter o **kanji "加"** em seu próprio nome.

—Você percebe o quão ridícula é essa hipótese? —ele disse.—Nosso pai sempre será o mesmo, independente da linha de mundo em que estivermos. Nem as memórias dele nem a sua podem ser alteradas, é disso que consiste o Reading Steiner.

—Talvez. —Respondeu Shizuka sem contradizê-lo.

Ele também conseguia entender por que sua irmã não tinha certeza, mas se eles viajaram para o passado de forma linear, não havia razão para pensar que este Okabe Rintarou não era o mesmo que eles conheciam no futuro. Embora as linhas de mundo possam divergir umas das outras, ao retornar a mesma linha, o resultado esperado será pelo menos semelhante. Claro, sempre havia outras possibilidades e Keitarou sabia que fazer mudanças significativas poderia causar sérios problemas, mas enquanto seus pais continuassem como um casal no futuro, não havia perigo real com o que se preocupar.

No entanto, explicar isso para a sua irmã seria perda de tempo. Era uma vantagem para ele que sua irmã duvidasse do pai: ele podia usar essa desconfiança a seu favor.

—Ok, acredite no que você quiser Shizuka, mas só para ter certeza, você não disse a ele que eu também estou aqui, ou contou?

Shizuka balançou a cabeça negando, deixando Keitarou satisfeito. Ter que lidar com Okabe Rintarou significaria o fracasso dos planos: ele não deveria saber que seu filho mais velho também havia retornado ao passado.

Antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, sua irmã estava saindo do beco.

—Aonde você vai agora?

Shizuka olhou para ele por um segundo e depois se virou para continuar andando. Com isso, Keitarou sabia que a resposta era óbvia demais para ela se dar ao trabalho de pronunciar: Shizuka não gostava de desperdiçar palavras em pequenos detalhes. Ele poderia tentar detê-la, mas perseguir sua irmã estranha por Akihabara não faria sentido.

Então ele voltou para o May Queen. Da calçada da frente, ele podia ver seus pais sentados à mesa perto da janela e, embora sua mãe o reconhecesse, não era hora de recuar. Apesar do risco, ele entrou no estabelecimento e pediu a mesa mais afastada da que eles estavam ocupando. O lugar não era muito grande, mas como ele se sentou de costas para eles, não achou que sua mãe o visse.

Uma vez localizado, ele tirou do bolso o aparato futurístico número 98, um dos poucos pertences que trouxera do futuro. À primeira vista, parecia um simples fone de ouvido sem fio. No entanto, sua verdadeira função era captar comprimentos de onda com base no ângulo da fonte de emissão e amplificá-los seletivamente. Em outras palavras: seu objetivo final era ouvir as conversas de outras pessoas. Sua construção era um antigo projeto de verão que ele teve com seu pai quando criança, quando eles tiraram a idéia de um filme de espionagem. Quem diria que agora ele usaria isso contra seu pai.

Com o sintonizador de volume, Keitarou buscou uma voz conhecida entre os clientes. Quando o encontrou, amplificou o sinal e pôde ouvir o que Okabe Rintarou estava conversando com Makise Kurisu.

Ele estava lhe contando o que havia acontecido naquela semana: uma história de como ele encontrou dois viajantes no tempo.

***

Quarta 10 de outubro de 2012

Ao meio-dia, uma visitante bateu à porta do Laboratório de Aparatos Futurísticos, e Okabe Rintarou foi encontrá-la. Quando abriu a porta, ele pôde confirmar que eram as mesmas garotas que ele havia encontrado no dia anterior e que prometeram voltar.

—Bom dia, Okabe Rintarou —a garota de tranças o cumprimentou e deu uma cotovelada em sua companheira.

—Bom dia. —disse a segunda garota.

Okabe Rintarou devolveu o cumprimento e um instante depois Okabe Shizuka entrou no laboratório.

Ela deixou uma sacola na mesa e finalmente se sentou na cadeira entre a Upa de Mayuri e as almofadas. Rintarou percebeu como estava abraçando o que parecia um bicho de pelúcia: com a exceção de que não tinha cabeça. O último parecia estar dentro da bolsa, porque duas orelhas compridas se projetavam dela.

—Suzuha, você pode me explicar o que está acontecendo?

O desenvolvimento dos eventos parecia suspeito, principalmente porque a estagiária-soldado não entrou no laboratório também. Em vez disso, ela permaneceu de pé junto à porta.

—Desculpe, mas não posso falar agora —respondeu Suzuha.— Parece que o chefe está bravo e quer falar comigo, você poderia esperar um momento? Avisarei quando você puder descer.

—E ela vai ficar aqui? —Rintarou perguntou, referindo-se à parceira dela.

—Ah sim. Não se preocupe, tenho certeza que ela não fará nada de estranho, certo Shizuka? —Hashida Suzuha lançou-lhe um olhar ameaçador, mas a citada nem desviou o olhar: ela apenas se concentrou em olhar o chão à sua frente.— Cuide dela por mim.

Suzuha desceu as escadas, deixando Rintarou sozinho com a adolescente.

—Seu nome é Shizuka, certo? —Ele disse.

Ela não respondeu e nem se deu ao trabalho de olhar para ele. Rintarou não sabia se ela o ouviu ou não, mas de qualquer maneira, no dia anterior ela alegou que esse era o nome dela. Além disso, Suzuha acabara de falar esse nome novamente, então ele realmente não tinha dúvidas sobre isso.

Ele só estava tentando começar uma conversa.

—Escuta, eu sei que você é do futuro, então me responda: o que você e Suzuha estão fazendo nesta época de agora? —Ele perguntou para ela.

Mas Shizuka ainda não respondeu. Ela continuou olhando fixamente para o chão, onde não parecia haver nada de extraordinário que valia a pena observar. Rintarou falou alto e claro o suficiente para que uma pessoa na sala de desenvolvimento pudesse ouvi-lo, e ele também sabia que ela não era surda. E ele ficou um pouco chateado.

—Ei, pare de me ignorar, ou você não sabe falar?

—El Psy Kongroo. —Ela disse.

Essas foram as mesmas palavras que ela disse no dia anterior em uma situação semelhante. A primeira reação de Rintarou foi sacudi-la pelos ombros, mas um dia depois ele não estava mais tão surpreso com a resposta.

—Certamente essa é a senha. Posso supor que você não é um agente da Organização, nem um espião industrial, mas me diga, nós já nos conhecemos? Temos algum tipo de relacionamento no futuro?

Shizuka levantou a cabeça apenas para olhá-lo por um breve segundo e depois a abaixou novamente.

—Não é... —disse ela.

—O que você quer dizer com “não é”? —Rintarou perguntou.

—… a resposta.

Resposta? Do que diabos ela estava falando? Ele não entendeu do que ela estava falando, nem do que se referia. Ele continuou insistindo em suas perguntas, mas não conseguiu nada de útil. Ela parecia não ter intenção de falar com ele.

Então ele lembrou que já tinha experiência em lidar com uma grande variedade de pessoas estranhas. Houve, por exemplo, o caso de Kiryuu Moeka: ela tinha sérios problemas em socializar e, por isso, recorreu a escrever mensagens em um telefone celular.

Shizuka e Moeka seriam o mesmo tipo de pessoa? Nesse caso, havia uma estratégia útil à qual eles poderiam recorrer.

—Olha, se você está com dificuldade para falar, pode escrever aqui.

Ele ofereceu seu próprio telefone, e abriu o bloco de notas. Shizuka olhou para cima, pegou o aparelho, escreveu uma mensagem e depois o devolveu. Na tela havia uma única palavra: "Fome".

—O que isso significa? — Rintarou perguntou confuso.

—Fome. —disse Shizuka.

—Eu sei ler! Eu quero saber o porquê de você ter escrito isso.

Ela não precisou explicar, porque o rugido no estômago era tão alto que ecoou por todo o laboratório, sugerindo o significado da mensagem.

Aparentemente, ela estava com muita fome. Mesmo Rintarou não havia notado o estado em que a garota estava antes: seu rosto estava pálido e seus olhos não brilhavam mais da mesma maneira intensa que no primeiro encontro.

—Lamento informar que este lugar é um laboratório, não um restaurante —disse ele em tom reprovador.— Mas se você estiver com tanta fome, tudo o que temos disponível é ramen instantâneo sabor molho de soja ou sabor sal.

—Sal. —respondeu ela.

Shizuka agora o olhava com desconfiança. Com esse olhar, Rintarou entendeu muito bem o que ela queria dizer: "Prepare-o".

Aquela garota era um verdadeiro incômodo. Ela entrou no laboratório como se fosse um membro e sentou no sofá exigindo que ele preparasse sua comida, mas por que ele tinha que cuidar dela? Mesmo quando Suzuha lhe disse para cuidar dela, não era sua responsabilidade. Além disso, ela tinha idade suficiente para fazer algo tão simples como ramen instantâneo, mas ainda assim, ela não parecia ter nenhuma intenção de fazê-lo por conta própria.

No entanto, se fosse necessário extrair informações, Rintarou decidiu preparar a tigela de ramen.

* * *

—Aqui, toma. —disse ele, colocando o recipiente pronto sobre a mesa.

A garota se levantou da cadeira, deixando o brinquedo de pelúcia sem cabeça ao lado do Upa. Então ela desajeitadamente pegou os pauzinhos, que deslizaram entre os dedos algumas vezes, até que foi capaz de dominá-los e começou a comer.

—Também temos garfos disponíveis. —disse Rintarou, oferecendo-lhe um rosa com um coelho no final.

—Obrigada. —ela disse.

—Agora você vai falar comigo? —perguntou Rintarou.

Mas Shizuka comeu o prato em silêncio, sem acrescentar mais nada.

Ele estava prestes a perder a paciência com ela quando se distraiu com um grito que vinha da janela.

—Ei, Okabe Rintarou! —chamou Suzuha. —Você pode vir para a loja agora!

Rintarou decidiu descer, mas não antes de se virar, notou que Shizuka não parecia interessada em segui-lo. Naquele momento, era mais importante conversar com Suzuha, para que ele tratasse com ela mais tarde. Ao sair, ele trancou a porta do laboratório para garantir que não escapasse.

A estagiária-soldado o encontrou na entrada do local.

—Eu realmente pensei que não iria sair dessa. —disse ela, sorrindo com alívio.— Você sabia? Eu quase fui demitida no meu primeiro dia, mas felizmente o chefe precisava de alguém aqui.

No dia anterior, Tennouji Yuugo havia retornado à loja, encontrando-a fechada e sem achar rastro de sua estagiária-soldado. Isso o deixou bastante zangado.

Naquela manhã, Suzuha conseguiu convencê-lo a não demiti-la, mas, em vez disso, ele cortou o salário dela por um dia inteiro, além de ter que trabalhar horas extras de graça.

—A propósito, o chefe disse para lembrá-lo que o prazo do aluguel vence hoje.

Okabe Rintarou não se importava com o assunto.

—Você sabe onde o Sr. Braun foi?

Ele esteve ausente por dois dias seguidos e o cientista louco precisava ter certeza de que ele não voltaria no meio de uma conversa sobre viagens no tempo. Como agente da SERN, seria perigoso para ele descobrir a verdadeira identidade de Suzuha.

—Ontem eu pude ouvir um pouco da ligação que ele recebeu. Parece que um membro da família está doente. Hoje ele me disse que iria ao hospital por algumas horas e que eu não deveria deixar a loja por nada no mundo.

Isso é verdade? Se Nae estivesse doente, Mayuri certamente teria descoberto e mandado todos os membros do laboratório visitá-la. Ele também lembrou que o Sr. Braun havia dito a ele e a Kurisu no campo de atração alfa que ele era órfão e viúvo. Não achava que tinha parentes, mesmo que provavelmente era algum tipo de mentira que os rounders usavam para evitar suspeitas.

Os dois entraram no local e Hashida Suzuha sentou-se em uma grande televisão cruzando as pernas.

—Bem, já era hora de começarmos nossa troca de informações! —Ela acrescentou sorrindo.— Com licença, não há problema em dizer "tio Okarin" a partir de agora? Parece mais natural assim.

Aparentemente, era assim que ela o chamava no futuro também.

—Que tipo de relacionamento nós temos, estagiária-soldado? —Rintarou perguntou.

—Você pode dizer que sou um boa amiga da família Okabe.

Família Okabe? Foi a primeira vez que ouviu Suzuha mencionar esse termo.

—Espere, o que você quer dizer com “família Okabe”, soldado? Seja um pouco mais específica.

Ela conhecia outro "Okabe" além dele?

—Não, tio Okarin, isso não vai funcionar —disse ela, movendo o dedo de um lado para o outro.— Você primeiro, me diz, como é que me conhece? Quer dizer, ontem você estava certo, eu ainda não nasci nessa época.

Okabe Rintarou hesitou em como responder a essa pergunta. Ele se lembrava claramente da história de uma jovem que viajou para o passado para mudar seu próprio futuro e, com ele, o da humanidade. Uma jovem corajosa e ousada que estava disposta a arriscar tudo para cumprir sua missão. Ou talvez fosse mais apropriado dizer que eram duas jovens? Duas pessoas diferentes que haviam sido criadas de maneira rudimentar, em meio a guerras e tiranias, sempre fugindo de um inimigo mais poderoso que elas. A vida de ambas tinha sido triste e difícil, mas, em teoria, esse futuro nunca aconteceria novamente.

O resultado de ter chegado ao Steins Gate não podia ser nem Suzuha alfa nem Suzuha beta, mas sim a que estava na sua frente agora. Uma das quais ele pouco sabia, embora estivesse ansioso para vê-la 5 anos depois. Seria conveniente conversar sobre realidades alternativas que foram evitadas?

—O que aconteceu? —Suzuha perguntou, preocupada com o tempo que seu tio Okarin levou para responder.— Ontem você disse que me conhecia e hoje você está mudo.

—É difícil de explicar. Para ser sincero, não sei se é algo que você deveria saber. —respondeu Okabe Rintarou.

Suzuha não ficou satisfeita com a resposta.

—Então eu farei as perguntas. Lembre-se de que se você não me disser nada, eu também não direi: é justo em uma troca de informações.

Rintarou sabia que Suzuha devia ter retornado a uma máquina do tempo e que era improvável que ela pudesse construir uma sozinha. Daru ou Kurisu foram os únicos que Rintarou considerou capazes de encontrar a solução para o problema das viagens no tempo, mas também não acreditavam que eram capazes de permitir a existência desse aparato futurístico. Será que ela também não havia

conseguido crescer feliz e foi por isso que voltou ao passado? Rintarou estava preocupado com isso, mas era uma possibilidade que ele não podia descartar.

Além disso, Suzuha disse que estava interessada em "aparatos futurísticos", para que ela pudesse estar lá para eles. Mas, se fosse assim, ela não precisava fingir que não o conhecia. Assim, Okabe Rintarou não tinha outra escolha a não ser responder já que estava tentando descobrir o que ela procurava.

—Você disse que eu estava aqui em 2010, nos conhecemos naquele ano?

A pergunta de Suzuha era direta demais para ser evitada, e Rintarou poderia responder dizendo sim.

—Eu vim em uma máquina do tempo?

Mais uma vez, uma pergunta à qual ele só teve que responder afirmativamente.

—Com quem eu viajei para o passado?

Essa pergunta parecia estranha para Rintarou, mas ele respondeu mesmo assim.

Suzuha queria saber se havia algum equivalente de seus companheiros atuais: os irmãos Okabe, mas de acordo com as respostas de seu tio Okarin, não havia ninguém. Ela sozinha não tinha motivações para viajar para o passado, além do turismo ou para ajudar Keitarou em sua missão, então esse ponto em particular chamou sua atenção.

—Por que eu viajei para o passado?

—Você estava a caminho de 1975 para garantir um IBN 5100, mas parou em 2010 porque queria conhecer seu pai." Apesar de você não saber o seu nome verdadeiro**;** foi uma surpresa descobrir quem era.

—Isso parece mentira, tio Okarin —comentou Suzuha.— Como posso não saber o nome do meu pai? Até você mencionou ontem: Hashida Itaru.

Com essa resposta, Okabe Rintarou pôde confirmar que, de fato, a Suzuha atual havia sido criada de uma maneira diferente. Isso abriu as portas para explicar que existem várias "linhas de mundo" e inclusive poderia existir diferentes versões de uma mesma pessoa, dependendo de qual "campo de atração " estava em andamento.

Ele conheceu duas Amane Suzuha que haviam retornado a 2010, cada uma com missões diferentes. Suzuha "alpha" procurou um IBN 5100 e, assim, interrompeu a distopia criada pela SERN como resultado do abuso da tecnologia das máquinas do tempo , enquanto Suzuha "beta" havia retornado para impedir o início da terceira guerra mundial, também fruto da existência do mesmo aparato.

Salvar o destino da humanidade não era algo para encher Okabe Rintarou de orgulho, mas em vez de estar perturbada, a nova Suzuha parecia desfrutar da história. Ela arregalou os olhos com curiosidade quando ele mencionou a relevância das ações de suas versões anteriores realizaram, e ela pediu detalhes, como se nessas linhas do universo se ela era um "soldado de verdade", se tinha um "uniforme de batalha", se era bom em combate corpo a corpo ou mesmo se carregava uma arma "real".

—Pelo que você diz, parece que eu era uma ótima pessoa em outras linhas de mundo. —disse Suzuha no final do relato.

—Você era uma pessoa muito legal, estagiária-soldado.

Mas, em vez de sorrir como costumava, Suzuha parecia um pouco decepcionada com o comentário.

—E o que aconteceu agora? —Ele perguntou.

—Eu estava pensando: sou apenas uma pessoa normal, tio Okarin. É muito difícil acreditar que realmente fiz tudo o que você disse.

Hashida Suzuha costumava frequentar campos de airsoft desde o dia em que atingiu a idade legal. Muitas das batalhas simuladas da resistência Valkyria consistiam em "derrotar os bandidos que queriam dominar o mundo" e ela sempre escolhia o lado dos "rebeldes". Ela também se submetia a um treinamento físico intenso ou passava várias horas praticando sua pontaria, tudo com o objetivo de se tornar mais forte. No fim das contas, as armas de airsoft eram apenas réplicas de plástico, e os chamados "inimigos" eram apenas outros entusiastas de jogos como ela, com quem ela tinha uma saudável rivalidade esportiva. Até Kayano, que era sua maior rival nos jogos, voltava a ser sua amiga após o término das rodadas. Fora do campo de batalha, as duas juntas com Mikoshiba Rei saíam para comer juntos, fazer compras ou até ir à Comina, já que Kayano pertencia a um famoso círculo de artistas Yaoi.

Não havia nada de extraordinário em sua vida cotidiana: nunca usou uma arma que disparasse outra coisa senão uma BB, ela nunca machucou ninguém ―ou pelo menos não de propósito― nunca viu ninguém morrer, nem sabia o que significava guerra ou o sofrimento dos seus entes queridos. Ela tinha seus dois pais, seus companheiros da resistência, seus dois amigos e, claro, também tinha Okabe Keitarou com ela.

Portanto, ela não poderia se colocar no lugar da Suzuha alfa ou da Suzuha beta. Nunca conseguiria entender tudo o que elas sentiram.

—Se você teve uma vida normal, é porque queria garantir esse futuro. —disse Okabe Rintarou.— Você deve se orgulhar de si mesma: ajudou a abrir as portas do Steins Gate. De geração em geração as pessoas falarão sobre as façanhas de "Amane Suzuha", e seu nome será registrado como um dos mais importantes da história.

As coisas não eram realmente assim. Ela não conhecia mais ninguém com um "Reading Steiner" completo, provavelmente ninguém mais, além dele, lembraria que aquele futuro existiu. Mas o comentário fez efeito e Suzuha voltou a sorrir.

O cientista louco conseguiu convencê-la com sua explicação, que, embora parcialmente correta, estava incompleta e distorcida. Ele omitiu detalhes importantes e alterou várias partes de propósito. Por exemplo, ele não disse nada sobre o que era ou como funcionava um D-mail ou a Máquina de Salto. Também evitou explicar que seu laboratório havia desenvolvido essas tecnologias no passado e se limitou a falar sobre a máquina do tempo em que Suzuha havia chegado. Ele também não mencionou que o artigo que a Suzuha "beta" queria destruir para impedir o desenvolvimento de máquinas do tempo pertencia a Makise Kurisu; Ele não quis mencionar a morte desta última, nem das outras milhares de vezes que viu Mayuri morrer. Muito menos disse algo sobre a carta de suicídio que Suzuha deixou para eles na linha de mundo alfa.

Nenhum desses eventos dolorosos era algo que Okabe Rintarou queria lembrar por conta própria, muito menos agora que sabia que as três estavam sãs e salvas no futuro. Ele também queria esquecer tudo de uma vez, mas era impossível. Ele só podia se contentar em ser o único que sabia, e esperava que essas memórias morressem com ele.

Portanto, o importante da história que ele contou não era para que a Suzuha soubesse toda a verdade sobre o que aconteceu em outras linhas de mundo, mas que ela aceitasse a nova versão dos eventos e, com isso, estivesse disposta a falar por sua vez.

—Agora estou interessado em saber o que você está fazendo nesta época —disse ele.— A existência da máquina do tempo só pode significar problemas no futuro; portanto, devo estar ciente da situação antes que as informações caiam nas mãos erradas.

Suzuha pensou por um momento, esfregando a mão na cabeça.

—O que posso dizer sobre o futuro tio Okarin? A comida tem um gosto pior, isso é certo. Além disso, a cidade está um pouco mudada, acho que gosto mais desta época.

Ele parecia desapontado: esses não eram motivos reais para uma viagem ao passado.

—Eu também te conheço no futuro e posso lhe dizer que você já tem algumas rugas. Talvez você deva iniciar um tratamento antienvelhecimento agora.

Que tipo de versão de "Suzuha" era essa? Ela estava tentando parecer engraçada com seus comentários? Talvez viver em paz a tenha levado a desenvolver uma personalidade diferente, porque em vez de responder a perguntas importantes, ele parecia muito interessada em provocá-lo.

—É melhor eu fazer as perguntas. —disse Rintarou, renunciando a si mesmo. Havia muitas coisas que ele queria saber, mas de repente a imagem de uma garota saltou em sua cabeça.— Quem é essa garota no laboratório e como ela sabe a senha?

Suzuha suspirou. De certa forma, ela estava esperando por essa pergunta e sabia que não poderia mais evitá-la.

—Vou lhe dizer a verdade, afinal isso é justo em uma troca de informações. —disse ela, e depois mudou seu tom para um tom mais sério.— O nome completo dela é Okabe Shizuka.

Okabe Shizuka? Rintarou não se lembrava de ter conhecido alguém com esse nome. "Okabe" também era seu sobrenome, então talvez fosse uma futura família dele, e Suzuha havia dito que ela era uma boa amiga da "família Okabe" quando falou com ele momentos antes.

O cientista louco não era particularmente apegado à sua família e raramente visitava seus parentes. Ele também não tinha irmãos e não acreditava que, no futuro, seus pais pudessem ter mais filhos. Se a "família Okabe" tivesse se expandido de alguma forma, a única possibilidade que restava era...

—Espera! Não me diga que ela é…

Ele não se atreveu a terminar a frase sozinho.

—Isso mesmo, tio Okarin! —Suzuha disse sorrindo.— Shizuka-chan é sua filha.

Se naquele momento uma bomba nuclear tivesse caído sobre Akihabara, Okabe Rintarou ficaria menos surpreso. Mas a notícia que Suzuha acabara de dar a ele o chocou literalmente: quando ouviu isso inadvertidamente, deu um passo para trás e acabou se chocando contra uma das televisões.

—Você tá bem? —Suzuha perguntou saltando da TV onde ela estava sentada.

—Como? —É tudo o que Rintarou conseguiu pronunciar.— Como é possível?

Suzuha olhou para ele preocupada. Talvez ele tivesse batido a cabeça com muita força e, portanto, não pudesse raciocinar corretamente.

—Eu não sei como explicar isso para você, tio Okarin. Acho que mamãe tentou uma vez com abelhas e flores, embora tenha sido patético. —disse Suzuha, fechando os olhos.— Sabe, quando no futuro você estava sozinho com a mãe dela, o que aconteceu foi que você...

—Eu não estou me referindo a isso!

Okabe Rintarou não estava interessado em conhecer o processo pelo qual ele havia feito uma filha, mas sim nas circunstâncias que levaram a isso.

—Ah. Você ficou perdidamente apaixonado e, como fruto desse amor, teve filhos. Foi simples assim.

—Eu não sei como me sentir se você diz dessa maneira. — reclamou Rintarou. Ele estava um pouco atordoado com o golpe e Suzuha não estava poupando oportunidade de incomodá-lo ainda mais.

—Vamos tio Okarin, não é tão ruim quanto você pensa. Pelo menos você já era casado quando ela nasceu, então pode-se dizer que ela é sua filha legítima.

Pelo menos? Rintarou não entendeu o propósito de usar essas palavras naquela frase, mas não estava em posição de refletir sobre o assunto. Antes, ele tinha que aceitar e encarar o fato de que ele seria pai.

Ele já sabia que em outras linhas alternativas ele morreria por volta de 2025, de fato, ele temia que na Steins Gate esse futuro pudesse se repetir. Portanto, foi a primeira vez que ele foi informado sobre a possibilidade de se casar e, mais ainda, de ter filhos. Isso o surpreendeu, mas talvez Suzuha estivesse certa e não deveria ser algo desconfortável, pelo contrário: poderia ser um evento muito positivo em sua vida.

Hashida Suzuha também estava começando a se sentir confortável com a situação e sorriu sabendo que seu tio Okarin levava as coisas a sério. Ela queria lhe contar mais sobre o futuro:

—Você e o papai fundaram uma empresa onde fabricam principalmente dispositivos futurísticos, além de produtos para computadores. —ela começou a contar para ele.— Todos os antigos membros do laboratório fazem parte das decisões e têm ações, inclusive eu tenho algumas desde que nasci. Elas me ajudam a pagar pelos minha universidade, embora eu também trabalhe meio período como garçonete. Os produtos não são totalmente famosos, mas vendem bem, e você e o papai ainda são muito bons amigos. Afinal, a empresa se chama "Titor & Kyoma co".

—Entendo. —Okabe Rintarou sentou na televisão desocupada por Suzuha enquanto se recuperava do choque.— O que os outros membros do laboratório estão fazendo? Todos estão bem?

—Sim, estão todos muito ocupados.

Suzuha procurou em sua memória os nomes dos membros na placa que ela recebeu no dia anterior e começou a contar o futuro de cada um deles.

Shiina Mayuri era professora do ensino fundamental. Ela gostava muito de crianças e seus alunos a adoravam por seu bom coração. Ela era muito amada e respeitada na escola à qual pertencia.

Kiryuu Moeka trabalha em uma grande editora de light novels. Suzuha não sabia exatamente qual era o papel dela, mas era da mesma editora que escrevia o autor das famosas sagas "Meu Arco-Íris" e "Coelho Saltador".

Akiha Rumiho era uma empresária milionária e acionista majoritária da Titor & Kyoma Co., na qual investia frequentemente. Tinha uma franquia popular de cafeteiras com filiais no Japão e na América do Norte. Seu objetivo final era espalhar pelo mundo e dominá-lo com o moe.

Urushibara Ruka tinha um emprego em uma universidade como professor de inglês e seus alunos costumam confundi-lo com uma bela mulher adulta. Ele também colaborou com seu pai e irmã na manutenção do templo de sua família.

Finalmente, Makise Kurisu era a principal associada tecnológica da empresa do Okabe Rintarou e do Hashida Itaru. Ela não trabalha especificamente nisso, porque também trabalhava como pesquisadora principal em uma prestigiada universidade norte-americana, mas sempre colabora com eles na criação de novos artefatos.

Suzuha gostaria de acrescentar mais algumas coisas sobre os membros que faltavam, mas decidiu que ela disse o suficiente para fazê-lo entender que o futuro não era distopia ou caos total. Okabe Rintarou pareceu perceber isso.

—Parece que o futuro é muito bom para todos nós.

Ele ficou até surpreso que Mayuri fosse professora do ensino fundamental, pois ela ainda não havia ingressado em nenhuma universidade. Na época atual ela apenas alternava entre o trabalho dela como garçonete no May Queen Nyan Nyan e a padaria onde Amane Yuki, futura mãe de Suzuha, também trabalhava. Saber que ela continuaria estudando era uma notícia muito boa.

Mas se o futuro era tão ideal, a existência da máquina do tempo era desnecessária. Se os membros do laboratório estiverem bem e seguindo suas vidas de uma maneira boa, não deve haver um real motivo para querer mudar alguma coisa.

O Steins Gate era tudo o que ele queria, na verdade era melhor.

—Não posso dizer que está tudo um mar de rosas, tio Okarin. —Suzuha interrompeu.— Eu tenho que admitir que às vezes as coisas são bem estranhas quando se trata da família Okabe.

Ele não entendeu o que ela quis dizer. Sua família era o problema? O que isso significava?

—Shizuka-chan por exemplo. Não posso afirmar que ela é uma pessoa normal. Não me interprete mal, eu a conheço desde que ela nasceu e tenho um certo apreço por ela. No entanto, não posso negar que não confio nela e ela sempre me deu um mau pressentimento.

Okabe Rintarou, alguns momentos atrás, considerava Shizuka uma pessoa problemática, mas ainda não entendia a que Suzuha estava se referindo.

—O que ela fez para fazer você pensar isso dela? — Ele perguntou.

—Bem, ontem ela se atreveu a hackear a Yodobashi Camera e chamou a atenção dos jornalistas. Nós vimos isso juntos na televisão, lembra?

—Sim eu lembro. Mas, você está dizendo que "CoelhoSaltador011" é na verdade Okabe Shizuka?

Suzuha respondeu afirmativamente. O temido hacker que Okabe Rintarou queria evitar a todo custo, não era outro senão sua futura filha.

De repente, tudo fez sentido: ela reconheceu Daru no @channel e tentou falar com eles em particular. Por isso, ela também sabia da existência do "Laboratório de Aparatos Futurísticos". Além disso, na primeira vez em que ouviu sua voz pessoalmente, ele achou que a tinha reconhecia: era a mesma que tocava nos alto-falantes naquele sábado.

—Não pense que suas habilidades estão limitadas à tecnologia desta época. —comentou Suzuha.— Às vezes, é difícil acreditar que uma garota como ela consiga quebrar a segurança de alto nível, mesmo no futuro. Não deveria ser tão surpreendente se você considerar quem era seu mentor. Meu pai a admira muito, diz que ela é sua melhor discípula e que algum dia ele se tornará "a melhor hacker da história".

Ela pensou um momento antes de continuar, olhando para o rosto de Okabe Rintarou, que ainda estava surpreso com o que ouviu.

—Sabe tio Okarin? Você é um pai muito orgulhoso e **sempre que** . Até sua mãe considera Shizuka muito talentosa.

Até Suzuha às vezes sentia um pouco de inveja dos Okabe. Apesar do fato de Keitarou estar sempre dizendo a ela o quão forte e inteligente ele a considerava, ela sabia que suas habilidades não eram grande coisa, enquanto as realizações dos irmãos Okabe se aproximavam ao extra.ordinário

Eles deviam ter isso em seus genes.

—Suzuha —interrompeu Rintarou quando ouviu um detalhe que parecia impressionante.— Você pode me dizer quem é a mãe dela?

A estagiária-soldado pensou por um momento: ela poderia dizer que a mãe era Makise Kurisu, mas isso equivaleria a lhe dar mais spoilers da sua vida. Embora já tivesse sido uma grande revelação saber que ele teria uma filha, e outra ainda que ele abriria uma empresa com o seu braço direito. Ela não queria que seu tio Okarin se tornasse preguiçoso ou pretensioso ao saber quem seria seu waifu na vida real, e portanto, ele não se esforçaria o suficiente para conquistar o seu amor.

—Isso está fora dos limites da troca —respondeu Suzuha.— Se você quiser, pode perguntar a Shizuka quem é a mãe dela. Você pode ter sorte, mas acho que ela não vai lhe contar.

Rintarou não perguntou de novo. Ele estava um pouco curioso para saber com que tipo de pessoa se casaria, mas, ao mesmo tempo, temia que a resposta não fosse "Makise Kurisu". Afinal, ela era a única mulher que ele podia admitir, para si mesmo, estar apaixonado na época.

Deixando esse assunto de lado, ele lembrou que "CoelhoSaltador011", cujo nome real era agora Okabe Shizuka, estava trancada no mesmo laboratório que ele tentou impedi-la de visitar.

—Por que você está procurando o IBN 5100? —Ele perguntou em seguida.

—Eu realmente não sei —disse Suzuha.— Até a atitude dela me parece estranha. Desde que chegamos ao passado ela está andando pela cidade procurando por esse aparato sozinha. Papai sempre diz que a habilidade de um bom hacker é não deixar vestígios de suas ações, mas parece que ela não se importa se chama a atenção ou não. Por causa disso, ontem ela quase acabou na delegacia.

Delegacia? Isso soou importante. O cientista louco precisava saber dessa história.

Suzuha lhe contou o que havia acontecido: parece que enquanto ela invadia o sistema de Yodobashi usando um telefone celular antigo como interface de exibição para não ser descoberta, Shizuka ficou com fome. Ele queria pedir um shawarma em uma barraca de comida, mas depois descobriu que não tinha dinheiro daquela época para pagar. O vendedor ficou bravo com ela e não quis aceitar as 10 criptomoedas que ela ofereceu.

Um policial estava por perto e viu a cena. Ele suspeitava pela aparência dela que Shizuka era uma estudante do ensino médio que estava matando aula. Ele fez perguntas sobre sua identidade, mas ela não respondeu nada além de seu nome. Então ele pediu que ela dissesse se tinha um membro da família para responder por ela, ou teria que levá-la à delegacia para fazer uma investigação, então Shizuka, cancelando a operação do computador, deu a ele o telefone com um contato na tela.

Hashida Suzuha saiu rapidamente da loja ao ouvir o chamado do policial. Quando ela chegou onde eles estavam, teve dificuldade em explicar o que Shizuka estava fazendo, e por que ela não estava na escola. Inventou o melhor que pôde, embora às vezes também pensasse em criar uma distração e fugir. Felizmente, o policial era incomumente amigável e decidiu as deixou ir.

Embora ela tenha sido capaz de superar esse revés —certamente, por serem pessoas do futuro, elas não tinham uma identificação, o que seria difícil de explicar às autoridades— Suzuha não estava satisfeita. Ela acreditava que Shizuka estava criando problemas com um propósito que ela e Keitarou desconheciam, então suspeitava de suas verdadeiras intenções.

—Quando voltamos ao hotel ontem à tarde, confisquei o microprocessador portátil que ela trouxe do futuro e seu telefone celular. Tentei fazê-la confessar por que queria tanto um IBN 5100 e até a proibi de comer até que me contasse, mas ela ainda não disse nada. No final, tentei tirar aquele bicho de pelúcia dela, mas ela resistiu e tudo terminou mal entre nós. Tenho certeza que ela está brava comigo e duvido que queira falar comigo novamente.

Isso explicava para Rintarou a existência do bicho de pelúcia sem cabeça e por que Shizuka havia chegado ao laboratório com tanta fome naquele dia. Embora, como seu futuro pai, não aprovava os métodos que Suzuha usara, ele estava agora tão intrigado quanto ela em descobrir qual era a solução para esse enigma.

—Operação Secreta! —ele disse em voz alta.

Suzuha o olhou sem entender o que ele quis dizer.

—Ela respondeu isso quando Daru a perguntou porque ela precisava do IBN 5100.

Suzuha não sabia que Shizuka já havia entrado em contato com o seu pai, mas se ela o procurara especificamente, já sabia que ele poderia ter uma pista do paradeiro do dispositivo. Suzuha também lembrou que, segundo seu tio Okarin, ela mesma em outra linha do universo havia retornado em busca de um IBN 5100.

Esses fatos deviam estar conectados. De repente, tudo parecia se tornar lógico para Suzuha.

—Tio Okarin, você e meu pai poderiam ter pedido a Shizuka para procurar uma IBN 5100 no passado? —Ela perguntou.

Okabe Rintarou não sabia, mas por tudo o que conhecia de outros campos de atração, havia essa possibilidade.

—Você precisa descobrir, tio Okarin! Assim poderemos resolver este mistério juntos. —disse Suzuha.

—Por que eu tenho que fazer isso? —Rintarou perguntou confuso.

—Você é o pai dela no futuro, certo? Se foi você quem a enviou, talvez ela lhe diga.

—Espere um momento, soldado! —O cientista louco interrompeu.— Antes de tudo, você deve explicar por que vocês duas estão aqui e como conseguiram uma máquina do tempo.

Hashida Suzuha suspirou novamente. Era outro assunto que ela não podia mais evitar, mas, felizmente, estava preparada mentalmente para essa batalha.

—Acho que vou ter que contar. Pertencemos a um grupo chamado "Esquadrão Schrödinger". —começou a relatar— Nosso líder foi o encarregado de botar em funcionamento a máquina do tempo e nos designou as tarefas que Shizuka e eu temos que cumprir em 2012. No entanto, nossa permanência aqui é temporária, e é importante que terminemos o mais rápido possível para que possamos sair dessa época.

—Suzuha, esse tal "Esquadrão Schrödinger" não está planejando conquistar o mundo ou algo do tipo? —Rintarou perguntou.

—Claro que não tio Okarin. Mas nossa missão é secreta e isso é tudo o que posso contar. Eu não acho que nossas ações terão muito impacto no futuro, então você não precisa se preocupar conosco.

Desde que ele se casasse com Makise Kurisu e tivesse dois filhos, pode-se dizer que tudo estaria em ordem. E ela não acreditava que Okabe Keitarou pretendesse impedir seu próprio nascimento ou o de sua irmã mais nova.

—Isso é tudo o que você vai me dizer? —Rintarou perguntou novamente, indignado com a falta de detalhes.

—Eu já te disse mais do que suficiente. Além disso, nosso líder ficaria bravo se soubesse da nossa troca de informações. Eu estou proibida de revelar minha identidade ou a de Shizuka. Como você sabe, pode ser perigoso se outras pessoas descobrirem que somos viajantes do tempo.

Keitarou pediu a Suzuha para espionar seu futuro pai. Como eram melhores amigos, ela não o trairia dizendo toda a verdade.

Se não fosse pelo fato do tio Okarin ter mencionado que ele já conhecia Suzuha de outras linhas de mundo, ele não precisaria saber que eles estavam lá. Esse fato, além da estranha atitude de Shizuka em relação ao IBN 5100, fez Suzuha suspeitar que tudo poderia ser uma armadilha. Talvez o Okabe Rintarou do futuro estivesse ciente de que viajariam para o passado com Shizuka, embora Keitarou insistisse que ele nunca havia discutido esse assunto com seus pais e que eles não precisavam suspeitar disso.

Convencer o tio Okarin do passado a estar do seu lado poderia ser uma grande vantagem tática. Dessa forma, ela poderia espioná-lo enquanto descobria mais sobre o que estava acontecendo com Shizuka.

—Enfim. Se você descobrir por que a Shizuka quer esse computador, talvez eu esteja disposta a trocar mais informações com você, temos um acordo? —Ela sugeriu.

Okabe Rintarou não estava tão convencido.

—Como eu vou fazer isso? Ela não quer falar comigo. Em nenhum momento ela me disse que eu era seu pai, muito menos me tratou como um.

Até Suzuha ficou feliz ao saber que Daru era seu pai e a cena entre eles tinha sido muito emocionante, mas Okabe Shizuka não parecia se importar muito em conhecer Okabe Rintarou no passado.

—Não se preocupe, eu sei que ela parece um pouco distante agora, mas no fundo ela é muito mimada pelo o papai. A verdade é que ela te ama e sempre o defende quando dizem algo de ruim sobre você —disse Hashida Suzuha com total certeza sobre o relacionamento entre os dois.— Se for

útil, você pode usar apelidos para que ela sinta confiança em você. No futuro você usa várias apelidos diferentes como "minha doce RDX" ou "minha princesa do terror", mas acho que a favorita dela é "anjinho destrutivo". Você costumava chamá-la assim quando ela era criança.

O cientista louco não achou que fosse capaz de pronunciar palavras tão ridículas. A paternidade o teria mudado a ponto de sentir vergonha de si mesmo por ter inventado essas coisas? Ele definitivamente acreditava que ainda não estava pronto para ser pai.

Apesar da insegurança, Rintarou decidiu aceitar o acordo de Suzuha. Ele próprio planejava obter mais informações sobre Shizuka, então isso não divergia das suas intenções iniciais.

—Estou feliz que você decidiu aceitar. Mas antes que você vá, preciso que você me empreste seu telefone por um momento.

Rintarou entregou o aparelho para a Suzuha, que instalou um aplicativo nele. Ela explicou que era um programa que criptografava todas as comunicações, por isso seria mais seguro se comunicar sem que os serviços de espionagem soubessem os assuntos sobre os quais eles estavam falando. Ele achava que era uma ferramenta útil nos dias em que a SERN ainda estava procurando informações relacionadas às máquinas do tempo, mas a garota de tranças não mencionou que sua segunda função era espionar todas as suas comunicações.

—Agora sim, sucesso em sua nova missão, tio Okarin!

Okabe Rintarou saiu da loja e subiu as escadas. A cada passo que dava, engolia em seco só de pensar que se aventuraria em conversar com a sua futura filha.

Ele abriu a porta do laboratório. E viu como Shizuka havia terminado de comer e agora estava na frente do computador do Daru.

Na tela havia vários arquivos de texto abertos, enquanto ela digitava um tipo de código de programação em alta velocidade. Muitas das palavras como "if", "while", "value" e "function" eram algumas que o cientista louco podia reconhecer do idioma inglês, mas não tinha idéia do que se tratava.

—Okabe Shizuka?

Seu nome era a única coisa que ele conseguia dizer para chamar sua atenção. Ela parou o trabalho que estava fazendo e Rintarou notou como a palidez de seu rosto havia desaparecido. Em vez disso, Shizuka manteve o mesmo tipo de olhar firme do dia anterior, quando se conheceram.

—Você é minha futura filha?

Depois da conversa com Suzuha, ele já tinha certeza disso, mas precisava ouvir da boca dela.

No entanto, Shizuka balançou a cabeça negativamente, fazendo Rintarou se sentir confuso.

—Você não é? Mas a estagiária-soldado disse que...

—De Hououin Kyouma —esclareceu ela.

Então era verdade: os dois eram pai e filha no futuro.

—Você deveria ter me contado desde o começo. Você não precisava esconder informações tão importantes de mim —ele a censurou. Ela apenas continuou olhando para ele.— Olha, eu não estou bravo com você, mas se você veio até aqui, é porque tem algo a fazer e eu preciso saber os detalhes.

Ela não respondeu e Okabe Rintarou começou a suspeitar que Okabe Shizuka não tinha muita certeza se poderia lhe contar a verdade.

—Por que você está hesitando? Como seu futuro pai, estou disposto a ajudá-la, você não entende? —Ele insistiu.

—Papai sempre sabe. —respondeu ela.

—O que?

—A resposta.

Ali ele percebeu o cerne da questão: aparentemente, Shizuka precisava de uma resposta para "El Psy Kongroo", a senha que ela já havia falado duas vezes na presença dele.

Essa frase não tinha um significado particular para Rintarou. Ele nunca inventou nenhum tipo de resposta, mas tentou encontrar uma.

—A escolha de Steins Gate?

Shizuka balançou a cabeça negativamente.

—A Yohda Stasella?

Shizuka negou a resposta novamente.

Ele tentou outros trocadilhos que lhe vieram à mente, mas não era nenhum deles. Então ele desistiu.

Provavelmente era uma código que ele inventaria no futuro, especialmente para interagir com ela, uma espécie de segredo entre pai e filha. Sendo esse o caso, ele estava em desvantagem, porque ainda não experimentara a paternidade na pele. Mas se ele quisesse ganhar a confiança de Shizuka, seria melhor agir como Hououin Kyouma, já que ela levou esse jogo bobo a sério.

Refletindo, ele percebeu que havia uma falta de consistência na situação.

—Se você é filha de Hououin Kyouma, não deveria pelo menos usar o sobrenome dele? —Ele disse.— Quero dizer, que tipo de nome é "Okabe Shizuka"?

Shizuka era um nome japonês muito comum. Daru diria que era apropriado para uma heroína secundária de uma visual novel; uma personagem tímida e calma que tem um bom final romântico, mas esse não é o verdadeiro final. Ou pode até ser dado a um bebê nomeado às pressas por um homem velho e um estudante do ensino médio, cuja única habilidade relevante é tornar-se invisível. Seja como for, o nome não era compatível com ser filha de um grande cientista louco, cujo QI rivalizava com Albert Einstein ou Nikola Tesla.

—Eu tenho outro. — disse ela.

—E qual seria? —perguntou Rintarou com curiosidade.

—Hououin Kurari.

O cientista louco achou que não parecia tão ruim assim. Escrito como "鳳凰 院 暗 理", tinha a estética maléfica certa, mas ele não estava disposto a admitir isso tão facilmente.

—Você diz que seu nome é Clarissa Hououin? —Instintivamente, ele adicionou um "ssa" ao nome Kurari.— Por que você não se apresentou assim desde o início?

—Ela não gosta.

—Quem?

—Ela. Shizuka é melhor.

Por "ela" estava se referindo a uma mulher que não estava presente na sala, muito menos a Amane Suzuha.

—Por ela, você quer dizer a sua... —Rintarou disse, sem precisar terminar sua frase. Claramente era a mãe dela.— Diga-me, você pode me dizer quem é? Eu a conheço?

Shizuka ficou em silêncio e ele não teve vontade de perguntar novamente.

Embora estivessem conversando, Rintarou não sentiu que as coisas estavam indo bem. Se Shizuka fosse ficar com ele naquela época, seria melhor encontrar uma maneira eficaz de se comunicar. Ele poderia recorrer aos apelidos que Suzuha lhe falou, mas seria muito embaraçoso dizer "meu anjinho destrutivo". Também não a chamaria de "CoelhoSaltador011", pois o apelido era, de outra forma, ridículo.

Seria melhor renomeá-la de uma maneira que se sinta confortável.

—Ouça bem Clarissa, de agora em diante e enquanto estiver no passado, seu novo título será "Enviada do Caos ", você entende?

Ele improvisou na hora, mas claramente Shizuka era algum tipo de emissária carregando uma mensagem do futuro, que ele pretendia descobrir.

Ela balançou a cabeça afirmativamente. Ela não teve nenhum problema em ser chamada assim.

—Bem, enviada do caos. Antes de tudo, quero que você pare de hackear as pessoas dessa época. Se alguém te descobrir, podemos ter sérios problemas.

Muitos *trolls* deixavam mensagens ameaçadoras no @channel para o CoelhoSaltador011. Era possível que fossem palavras simples, mas, como seu futuro pai, Okabe Rintarou deveria velar pela sua segurança.

Shizuka não refutou a ordem. Apesar de tudo, parece que ele reconheceu algum tipo de autoridade, o que foi positivo para ele.

—Também preciso saber porque você está procurando o IBN 5100. Se o futuro eu lhe pediu para encontrar esse modelo, ele deve ter lhe dado algum tipo de instrução.

Mas Shizuka não respondeu nada. Nem naquele dia nem no resto da semana, ela não disse nada sobre seu propósito.

****

Sábado 13 de outubro de 2012

—Foi assim que tudo aconteceu. —disse o cientista louco no final do relato.— Bem, o que você acha, assistente?

Makise Kurisu refletiu sobre o que ouvira.

—É uma história interessante. No entanto, nada do que você disse prova que Shizuka é realmente sua filha.

Okabe Rintarou achou que a questão sobre a sua identidade estava resolvida, mas Kurisu estava cética quanto a isso.

—Por exemplo, você viu a máquina do tempo com seus próprios olhos? Elas mostraram outras evidências para respaldar o que disseram? Ou você vai acreditar apenas em suas palavras? —perguntou ela.— Me parece muito suspeito que nenhuma delas quisesse revelar mais informações sobre o que faz nessa época, e se tudo isso for um plano para enganá-lo, Okabe?

Ela tinha razão: ele não tinha visto a máquina do tempo com seus próprios olhos. Não parecia estar no telhado da Rádio Kaikan, e nem Suzuha ou Shizuka revelaram qual era sua localização atual. Muito menos mostraram algo que respaldasse tudo o que contaram sobre o futuro, e as duas eram muito resistentes a dizer o que elas deviam fazer no ano de 2012.

Apesar disso, ele não tinha dúvidas que Amane Suzuha era a mesma de antes, o que confirmava que a máquina do tempo realmente existia. Seu Reading Steiner era a maior prova que ele poderia ter. Muito menos acreditava que nenhuma das duas tinham motivos para mentir, ou que planejavam prejudicá-lo

Makise Kurisu achava que existia uma maneira científica de resolver as dúvidas sobre a futura paternidade de Okabe Rintarou. Ela sabia que certos laboratório genéticos costumavam ofertar análise de paternidade baseado em testes de padrões de DNA. Enviando uma amostra tanto de Rintarou quanto de Shizuka, eles teriam uma evidência quase infalível de que no futuro eles eram pai e filha.

—Aliás, se você tem suspeitas de quem possa se a mãe dela, podemos enviar uma amostra e descobrir isso também.

O DNA é uma parte do indivíduo que não pode ser facilmente alterada, e por isso, não seria mentira. Essa análise poderia ser a prova definitiva, mas Rintarou não estava certo sobre tentar tal método.

—Não acho que seja necessário chegar a esse extremo. Confio no que a estagiária-soldado disse e, além disso...

Ele não podia explicar, mas conseguiu compreender por conta própria. Embora Shizuka fosse muito diferente do que esperava, começava a sentir sobre ela algo que só podia definir como “instinto paternal”. Isso significava que estavam relacionados. Claro, não era algo que poderia comprovar cientificamente e não era o sentimento mais confortável do mundo, mesmo sabendo que se tratava de uma garota de 14 anos que se irritava apenas por falar com ela. Talvez o sangue seja mais espesso que a água.

—Então você já se decidiu, Okabe. Mas se você se sente dessa forma, quem sabe seja verdade.

Ele estava na lista de pessoas em que a “lógica convencional” não funcionava de forma devida, e Kurisu começava a aceitar que ela também estava envolvida cada vez mais nesse estranho mundo.

—Sim, mas mesmo que se trate da minha futura filha, não entendo o que se passa na cabeça dela, nem sei como fazer ela confiar em mim. —queixou-se Rintarou.— Por isso que eu queria conversar, Christina. Você me ajudará a descobrir o motivo pelo qual a enviei ao passado? Ou pelo menos me dizer como posso lidar com ela. Não revelei essa informação para nenhum membro do laboratório você é minha assistente e a pessoa mais confiável que eu posso contar.

Um temido cientista louco se esforçando para se dar bem com sua filha adolescente era algo que Makise Kurisu pagou pra ver. Em outra situação, suas intenções pareciam fofas, mas para o estado das coisas, não tinha ânimo para brincar com isso. Notava que Okabe Rintarou estava realmente preocupado e fazia sentido ele estar assim: nenhum homem no mundo estava preparado para lidar com uma filha do futuro que, literalmente, apareceu do nada.

Pensou em que tipo de conselho daria e depois de um tempo refletindo, pode opinar algo.

—Desculpa, mas não posso ajudá-lo. —concluiu Kurisu.

Ele não parecia nada contente com a resposta e exigiu uma explicação.

—Okabe, a relação entre um pai e sua filha é algo sagrado. Por isso não posso intervir.

Sim, existia uma pessoa capaz de ajudá-lo, e seria a futura esposa de Okabe e mãe de Shizuka, mas ele não sabia quem era.

—Apenas tente fazer o melhor possível. —acrescentou Kurisu.— Ainda que às vezes seja descuidado, pervertido, perseguidor, chuunibyou, um delirante cientista...

—Não entendo porque você está trazendo tudo isso à tona. —interrompeu Rintarou, inconformado com a descrição que escutava sobre sua pessoa.

—Estava dizendo, —continuou ela, ignorando a interrupção— que apesar de tudo, acredito que mesmo um tolo como você não pode arruinar isso. Com certeza será um pai melhor.

Makise Shouichi, conhecido como "Dr. Nakabachi", foi capaz de assassinar sua própria filha por causa de um papel. Era o pior exemplo possível de paternidade, e ainda com todos os defeitos que possuía, Hououin Kyouma não seria capaz de ser tão baixo.

Okabe Rintarou sabia que Kurisu sempre carregaria essa ferida. Ser odiada pelo mesmo homem que lhe deu a vida era uma carga muito pesada. Raramente sua assistente dividia o que sentia em relação a isso. Provavelmente ela fez o melhor para lidar com isso sozinha, ainda que a dor a despedaçasse.

Ia dizer que, como um membro do laboratório, podia contar com ele se precisasse conversar, se não fosse por Shizuka que primeiro voltou do seu passeio.

—Encontrou o que estava procurando, enviada do caos? —Ele perguntou.

A adolescente balançou a cabeça negando.

Os três saíram do May Queen. Na rua, Okabe Rintarou pegou seu celular pra ver a hora e lembrou da mensagem que sua assistente o enviou nesta semana, mensagem essa que ele não deu a devida atenção.

—Com toda esse assunto não falamos sobre o aparato futurístico que você projetou CelebSev, deseja ir a outra lugar?

Ainda era cedo. Poderiam ir ao laboratório, embora Rintarou preferisse evitá-lo, já que queria manter Shizuka o mais longe possível dos demais membros e assim poupar explicações de como a conhecera.

—Não será necessário. —respondeu Kurisu.— Tinha uma ideia em mente, mas percebi que era um absurdo.

—Qualquer ideia é bem-vinda. Você esfregou na minha cara outro dia: passamos anos sem inventar nada útil e devemos aumentar nossa produção se queremos sobreviver.

Rintarou ainda não sabia como transformou o seu laboratório em uma empresa a essa altura, mas sabia que Kurisu seria sua apoiadora no futuro, assim acreditava que nada que viesse dela seria tão ruim para não tentar.

—Já disse que não é nada importante. —repetiu Kurisu.

—Você tem certeza?

—Claro que tenho certeza e não me pergunte mais, Okabe!

Ele se calou. Tinha medo de perguntar mais uma vez.

Dentro de Kurisu estava desencadeando uma tempestade. Shiina Mayuri a convenceu da ideia ridícula de expressar seus sentimentos para Okabe Rintarou. Kurisu pensou que deveria tentar: ela nunca se confessou antes e embora ferisse seu orgulho, ele era o primeiro homem por quem se apaixonou.

Todavia, Okabe estava com e tinha uma filha no futuro. Parecia que o destino tinha jogado uma brincadeira de mau gosto ao revelar essa informação antes do tempo. Claro, tinha a possibilidade dela estar relacionada com Shizuka, mas se fosse assim, não deveria sentir ela também esse “instinto” do qual Okabe falara?

Ela não sentia nada assim. Nem sequer tinha ideia de como deveria se sentir nesse momento.

—É melhor eu ir agora. Foi um prazer, Shizuka-san. Te vejo depois, Okabe.

Makise Kurisu preferiu ir embora para pensar melhor sozinha, deixando para trás um Okabe Rintarou muito confuso com a sua atitude.

—O que será que aconteceu com ela?

—Está zangada. —disse Shizuka.

Ele concordava com o comentário. Dava pra notar que sua assistente estava zangada por alguma razão que ele desconhecia, mas ele demorou a notar o que Shizuka disse: sua observação denunciava que ela sabia muito bem do que falava.

—Clarissa, você conhece a Christina no futuro?

Shizuka balançou a cabeça confirmando a sua suspeita.

—Qual a relação entre vocês duas?

Rintarou levantou a hipótese de que se Christina e Clarissa pudessem ser mãe e filha.. Mesmo que Shizuka não fosse revelar quem era sua mãe, podia encontrar indícios dessa possibilidade baseada no que ela respondeu.

Ela disse somente uma palavra:

—Distante.

Distante.? Que tipo de relação seria essa? Ela queria dizer que elas tinham um relacionamento distante? Que elas não se davam bem? Ou talvez que não estavam próximas fisicamente? Seja qual for o motivo, nenhuma das opções parecia própria de mãe e filha, então seria melhor abandonar essa ideia.

Não queria ter falsas ilusões com Kurisu. Repetia para si mesmo que já era o suficiente que ela permanecesse viva. Não era digno esperar mais do que isso. Pelo menos servia de consolo saber que Christina continuava sendo sua leal assistente e o ajudaria a criar aparatos futurísticos no futuro.

Esperaria nove anos para resolver o mistério de quem seria sua futura esposa. Não era bom ser impaciente; se tinha ficado “perdidamente apaixonado” como disse Suzuha, não devia ser tão ruim. Quando isso acontecesse, planejava fazer grandes mudanças na educação de Shizuka. A começar pelo seu nome, desde que a convergência não o impedisse. Mas falando dela…

—Ei, volte aqui!

Okabe Rintarou viu como Shizuka havia sumido quase uma quadra inteira antes dele se dar conta. Ela não voltou, então ele não teve outra opção a não ser segui-la.